

MITOLUSISMOS E MITOLOGEMAS: Lima de Freitas, Gilbert Durand e a interpretação do imaginário português

MYTHOLYSISMS AND MYTHOLOGEMES: Lima de Freitas, Gilbert Durand and an interpretation of the portuguese imaginary

Roberto Nunes Bittencourt¹

RESUMO

Este estudo tem por objetivo investigar os principais vetores da cultura portuguesa, tomando como ponto de partida autores de grande referência intelectual nos estudos da tradição cultural, filosófica e mítica de Portugal, tais como Gilbert Durant (na formação dos mitologemas portugueses que representam a dinâmica da construção simbólica-metafísica da experiência espiritual lusitana: o *Fundador vindo de fora*, a *Nostalgia do impossível*, o *Salvador Oculto* e a *Transmutação dos atos*), e Lima de Freitas (a ideia de Mitolusismos). Nessas condições, estabelece-se um debate histórico-filosófico mediante a apresentação de temas intrínsecos ao espírito português, ao mesmo tempo unificado e separado da unidade europeia como um todo.

Palavras-chave: Imaginário português; Mitologema; Mitolusismo.

ABSTRACT

This study aims to investigate the main vectors of Portuguese culture, taking as its starting point authors of great intellectual reference in the studies of the cultural, philosophical and mythical tradition of Portugal, such as Gilbert Durant (in the formation of Portuguese mythologies that represent the dynamics of symbolic-metaphysical construction of the Lusitanian spiritual experience: the Founder from outside, the Nostalgia of the impossible, the Hidden Savior and the Transmutation of acts), and Lima de Freitas (the idea of Mitolusisms). Under these conditions, a historical-philosophical debate is established through the presentation of themes intrinsic to the Portuguese spirit, at the same time unified and separate from European unity as a whole.

Keywords: Portuguese imaginary; Mythologema; Mitolusism.

285

¹ Doutor em Letras Vernáculas (UFRJ). Professor do Centro Universitário São José (UniSJ) e da Faculdade Internacional Signorelli (FISIG). E-mail do autor: rob.nbitt@gmail.com

Introdução

O ano de 1139 marca o início fundacional de Portugal². O verdadeiro significado histórico deste momento, porém, vai muito além do que pensar na data de um país que está para celebrar novecentos anos de independência nacional. Pensar no Portugal de hoje é voltar, sobretudo, à sua pré-História, e é justamente a esses tempos imemoriais que muitos estudiosos têm devotado suas leituras, indo às origens da Lusitânia e, partindo delas, compreendendo o todo nacional, encontrando a essência de Portugal e de seu povo³.

Faz-se necessário pensar numa perspectiva de captação semântica dos símbolos, das insígnias e dos rituais do Portugal Mítico. Assim, há que se ir além de um materialismo histórico e pensar no lado oculto e simbólico da História de Portugal, por meio das diversas ordens iniciáticas que por lá se instalaram, além das interpretações da mitologia, do misticismo e das

² Data referente à vitória de D. Afonso Henriques na mítica batalha de Ourique, tendo Guimarães como o berço da nação.

³ É complexo – e mesmo bastante difícil – conceituar *povo*, como atestam os próprios antropólogos. Neste trabalho, tomamos a palavra com o sentido de *identidade coletiva*.

doutrinas religiosas que influenciaram a Península Ibérica. Isso sem contar no rol de nomes que, por vezes, transcendem a esfera histórica e incorporam uma aura mítica, como Viriato e o mito da antemanhã, o herói libertador; D. Afonso Henriques e o Milagre de Ourique, como mito fundador, apontando para o providencialismo, que se consolidando com os descobrimentos, nos séculos XV e XVI; e, mais ainda, com o sebastianismo e a União Ibérica, advindo, daí, a construção do mito do Quinto Império.

Diversos mitos culturais portugueses têm, em diferentes épocas, inspirado em Portugal - e mesmo além das fronteiras ibéricas - as mais variadas expressões artísticas, levantando questões em torno do mito, ficção, nacionalidade. Por isso é que se constata a necessidade de um estudo para além dos dados cronológicos e interpretações simplistas, mas buscar a realidade viva e simbólica da História e dos fatos que dela se originaram, compreendendo que uma análise histórica se dá mais do que pela leitura de documentos coevos, estudos fósseis ou interpretações de artefatos, mas pela leitura do pensamento mágico

ancestral.

Ao longo do tempo, o espaço físico de Portugal sofreu a influência externa de várias culturas, desde épocas mais remotas. Assim, há que se compreender os iberos originais e a sua tradição mágica, bem como o nascimento, apoteose e decadência de povos posteriores, como os celtas, os cartageneses, os fenícios e os romanos, além da tradição cultural árabe, como povos de grande contributo para aquilo que Portugal é e que pode, muito ainda, ser notado, sobretudo, nas regiões mais interiores, em que as tradições populares sobrevivem e teimam em não desaparecer, resistindo à força do tempo e cuja preservação é fundamental para a própria noção de Portugal.

Por isso à História, normalmente dividida em quatro pilares – religioso, militar, económico e social – deve-se acrescentar, também, o mítico, como narrativa dos ciclos da existência humana. No que diz respeito a Portugal, ler sua História Oculta é uma forma de compreender o passado, entender o presente e pressentir o futuro de um povo que está situado a sudoeste da Europa, na zona Ocidental da Península Ibérica, possui uma área total de 92 090 km², e é a nação mais

ocidental do continente europeu, sendo delimitado a norte e a leste por Espanha e a sul e oeste pelo Oceano Atlântico, mas que é mais que tudo isso. Afinal, o imaginário mítico dos portugueses encontra profundas raízes nos tempos pré-nacionais e pré-cristãos, de tal maneira que se pode perceber uma série de marcas culturais tais como a celta-lusitana, a indo-europeia, a megalítica e a greco-latina, culturas ancestrais cujos traços marcam o homem primordial português.

É o que leva Gilbert Durand, numa entrevista a Paulo Alexandre Loução, a sentenciar que “Portugal possui em abundância todos os mitos da Europa” (DURAND, 2008, p. 14). Neste sentido é que o antropólogo do imaginário percebe Portugal como uma “reserva” do universo mítico europeu, constituindo “o paradigma da identidade criada e mantida por um povo ao longo do processo de desenvolvimento das suas imagens fundadoras” (DURAND, 2008, p. 133).

A linguagem do imaginário português: mitolusismos, mitologemas

A “linguagem” do imaginário revelará, interpretará e manipulará as modalidades de atuação e compreensão do ser no mundo. Pode-se, assim, dizer que o imaginário é o principal instaurador das diferentes formas de pensar, sentir e agir. Para Gilbert Durand, portanto, é por meio da troca incessante entre as pulsões subjetivas (bio-psíquicas) e as intimações objetivas (cósmico-sócio-culturais) que se processa o “trajeto antropológico”. Ou seja, o dinamismo equilibrador que possibilita ao homem enfrentar ou eufemizar a angústia relacionada à consciência do tempo que passa e da morte. Dirá, então, que “uma sociedade caracteriza-se pelas variações sofridas pelas grandes imagens tradicionais e míticas. [...] Conhecer esses mitos é de uma importância capital para penetrar nas orientações mais profundas duma sociedade” (DURAND, 2002, p. 13).

A riqueza da tradição mítica em Portugal parece estar guardada como um tesouro oculto. Afinal, há uma ausência quase total de referências aos mitos mais relevantes da mitogenia portuguesa ou, ainda, aos Templários

portugueses e aos seus continuadores, os cavaleiros da Ordem de Cristo, que partiram na demanda do reino de Preste João. Nem René Guénon – cujos estudos abordaram, por exemplo, os Templários, além de um livro inteiro dedicado ao Rei do Mundo, sequer se refere aos cavaleiros portugueses da Ordem de Cristo – ou Evola – que, em seu *O mistério do Graal*, sequer se refere à cavalaria portuguesa nas várias páginas dedicadas ao Preste João e ao seu reino lendário. E mesmo Mircea Eliade, que viveu em Lisboa parte de sua vida, lecionando por lá, em seu *Aspectos do mito* dedica algumas páginas do capítulo “Sobrevivências do mito” à crença num Imperador que há de regressar de seu repouso em um país distante. Cita, por exemplo, o mito do Encoberto, a demanda do Preste João, sem, sequer, citar Portugal.

Para Lima de Freitas, “Tudo se passa como se Portugal fosse invisível, escapando permanentemente à atenção dos pensadores e pesquisadores europeus. Mais do que o fruto de um acaso ou a consequência de circunstâncias políticas recentes, queremos ver em tudo isso um sinal” (FREITAS, 2006, 123). Fica, porém, ainda a – persistente – pergunta: Que

intencionalidade se esconde por trás deste silêncio?

Rejeitando o materialismo histórico em favor de uma História Invisível, Lima de Freitas (2006, p.78) entende que o que provoca a História é “fundamentalmente a produção e troca de mitos, de ideias”. É de Lima de Freitas um neologismo – o “Mitolusismo” – cunhado em 1987. Sobre o tema, o mestre pintou um bom número de quadros, que ficaram expostos na Galeria Gilde, em Guimarães, de 31 de outubro a fins de dezembro de 1987. Ali estavam presentes, para citar alguns, o reino mítico de Preste João, o mito sebastianista com o “Encoberto”, a Rainha Santa Isabel com “O milagre das rosas”, a paixão de Inês e Pedro com “Até a fim do mundo”. Imagens que marcaram – e marcam ainda profundamente – o imaginário português. Os mitos encerram, portanto, uma simbologia essencial, a partir da qual cada povo escolherá o seu modelo, vestido de acordo com a raiz cultural em que se assenta. Por isso, ao atestar a universalidade dos mitos, dirá Lima de Freitas (2006, p.76) que estes são “arquetipos que governam os homens”, constatando que:

A Península é o resultado de camadas de subscientes muito variadas: nórdicos, celtas, árabes, com todas essas moiras encantadas... tem, por isso, um fundo mítico muito grande; e quando afirmo que não existem mitos portugueses faço-o, evidentemente, em sentido estrito, porque existem formas tipicamente portuguesas de mitos e é através do estudo dessas formas que podemos alcançar uma possibilidade séria de autoconhecimento (FREITAS, 2006, p.77).

Para Lima de Freitas, portanto, o conhecimento da mitografia é a chave de velhas interrogações como “Quem somos? De onde vimos? Para onde vamos?”. Neste sentido que o imaginário português se fundamenta nos mais sólidos e sagrados princípios, tendo sido constituído a partir da Ibéria como plano de realização dos mais altos desígnios. Visão também ressaltada pelo que diz Paulo Alexandre Loução quando afirma que:

os mitos não se aniquilam: ou se concretizam, fazendo emergir uma nova realidade mítica, ou são recalçados à força para o inconsciente colectivo de um povo, tendo isto acontecido com o caso português. Quer dizer, os mitos recalçados no século XVI continuam vivos no inconsciente colectivo da população portuguesa e a dar sinais de sua presença. Uma característica do povo português é o seu universalismo, existindo nele uma apetência natural para se fundir com outros povos (LOUÇÃO, 2007, p. 217).

É a partir dessa portugalidade de certas imagens arquetípicas que Gilbert Durand, em seu trabalho de mitodologia – uma orientação epistemológica com a perspectiva de se desenvolver uma abordagem científica que leva em conta o elemento espiritual e coletivo na concretude da realidade imediata –, desenvolve uma minuciosa mitoanálise da psique portuguesa, ao enunciar quatro mitologemas – estruturas quase formais de um mito ou de uma sequência de mitos –, todos eles convergindo para o “absoluto exotismo do imaginário” (DURAND, 2008, p.34). Referindo-se às imagens recorrentes da tradição mítica portuguesa, Durand classifica os mitologemas em quatro grupos; o “Fundador vindo de fora”, a “Nostalgia do impossível”, o “Salvador oculto” e a “Transmutação dos atos”.

O primeiro, sobretudo, é marcado pela navegação: o fundador pré-cristão Luso; Ulisses, fundador de Lisboa, a Ulissipona; ou a lenda de São Vicente mártir, trazido pelo mar até ao Algarve, guardado por dois corvos gigantes, em uma navegação fúnebre. Sobre este aspecto, destaca Lima de Freitas:

S. Vicente, ao chegar por mar ao Algarve e depois a Lisboa, marca bem a vocação mortal do Ocidente, da extrema ocidental onde a terra acaba (o sólido, o manifestado, o consciente, o diurno) e o mar começa (o líquido, o latente, o inconsciente, o nocturno). Caso restassem dúvidas aí estão os corvos, a ave negra da **nigredo** alquímica, os ‘vicentes’ da gíria lisboeta, o **cor-beau** da ‘langue verte’ dos argóticos (os da arte ‘gótica’) que tão belamente exprime o corpo tisonado pelo fogo, reduzido a uma espécie de pura antracite cujas escórias estão já consumidas e que é tudo o que resta do ‘velho Adão’ após a primeira morte ou consumação pelo fogo alquímico, resíduo negro do volátil, matéria prima ou caroço da quadratura ou corpo belo de que poderá partir-se para a ulterior sucessão de sublimações, precipitações e operações conducentes à obra branca e à rubificação. O **corvo** é ainda, por cabalística fonética, o coração que é o vaso purificado pela renúncia aos pensamentos mundanis e pela morte iniciática (FREITAS, 2006, p. 175, grifos do autor).

Também sobre o mar, diz o Dicionário de Símbolos, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant:

Tudo sai do mar e tudo regressa a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre os possíveis ainda informais e as realidades formais, uma situação de ambivalência, que é a da incerteza, da dúvida, da indecisão e que pode terminar bem ou mal. Daí vem que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e da morte (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 592).

Sobre a simbologia do mar, é o que diz, em outras palavras, um texto

gravado em uma placa de pedra, exposta no Museu de Ouro de Bogotá, proveniente dos Índios Kogui das costas da Colômbia, perto de Cartagena: “No começo era o mar. Todo o resto era negro e vazio. O mar era o pensamento e a memória. Ele era a respiração do futuro” (FREITAS, 2006, p. 187). Evocar o mar é, também, pensar no simbolismo da barca e da navegação, na viagem. E, por isso, dirá Vergílio Ferreira:

Penso num dos mitos mais antigos da cultura ocidental e que Homero nos fixou. A viagem. Ele não é naturalmente só nosso. Mas foi sobretudo em nós que ele respondeu ao que lhe é consubstancial, ou seja, à inquietação. E uma inquietação que se não sabe verdadeiramente que existe senão depois de se ter cumprido no impossível repouso da chegada. [...] O percurso dos descobrimentos teve um ponto de partida, mas não poderia jamais ter um ponto de chegada. Porque a própria viagem de circunavegação não fechou o termo da procura, mas foi apenas o início da que fosse além da Terra para atingir o seu limite no sem-limite de espaços (FERREIRA, 1995, p. 35)

Na dinâmica de imagens que evoca, como a do abismo e a do nascimento-morte – e pensando no mitologema de Durand –, a travessia e o barco assumem uma função iniciática. Daí emergir Saturno das profundezas do mar, como seu berço; é pela construção da arca que Noé se salva da fúria divina manifesta no

dilúvio; Pedro, pescador e apóstolo, erige a igreja de Cristo como a barca salvadora.

O segundo mitologema traz à luz lendas ligadas ao nostálgico desejo do impossível. No amor, é ilustrado por Sórora Mariana Alcoforado que, no convento de Beja, teria escrito as apaixonadas *Lettres* ao seu amado Chamilly; e, história ímpar na cultura portuguesa, as páginas dos trágicos amores de Inês de Castro e o Infante Pedro de Portugal.

Como destaca Lima de Freitas:

A Nostalgia do Impossível marca, certamente, o ciclo tão português dos amores de Pedro e Inês, a mísera e mesquinha que depois de morta foi rainha cantada por Camões, paixão que tem inspirado tantos escritores, poetas e dramaturgos dentro e fora de Portugal, de Resende, António Ferreira e Houdar de la Motte, a Bocage, Bowyer, António Patrício, Lopes Vieira, Henry de Montherlant; paixão que erremete contra a lei da morte e, sem se deixar paralisar pelo delírio do macabro, leva a saudade apunhalante do ser amado e do bem perdido até à loucura ressurrecional que a transforma em união mística e transcendente (FREITAS, 2006, p. 89).

Neste sentido, a desilusão amorosa de Sórora Mariana e os amores de Inês e Pedro encarnam a força simbólica de um dos mitos eternos da humanidade: o amor que resiste ao tempo e recusa a morte. Na empreitada

guerreira, destaca-se o nome do jovem condestável de 24 anos Nuno Álvares Pereira que na proporção de um para dez, arrebatou, decisivamente, a vitória de Aljubarrota – onde ainda hoje se eleva a Igreja de Santa Maria da Vitória, ou da Batalha.

Lima de Freitas ainda acrescenta:

o milagre da ressurreição que nimba a figura do Mestre Roseacruz da Fama Fraternitatis, que Fernando Pessoa exalta, calmo na falsa morte e a nós exposto, o Livro ocluso contra o peito posto, assim Portugalizando pela via poética um mito iniciático que Valentim Andreae articulava no século XVII em língua alemã (FREITAS, 2006, p. 90-91).

O mitologema do “Salvador oculto”, do rei que espera a hora do regresso é, para Durand (2008, p.28), “cenário quase universal”. É Paraçurama dos hindus escondido no Mahendra; Holger, mítico rei dos dinamarqueses, adormecido em uma câmara subterrânea debaixo do castelo de Kronborg; na tradição celta, o rei Artur, encoberto na Ilha de Avalon. Na tradição portuguesa, ocupa este lugar arquetípico D. Sebastião, o Encoberto, rei que desaparece a 4 de agosto de 1578, em Alcácer-Quibir, na cruzada contra os mouros.

Por trás do Herói prometido, no Restaurado das nações e dos mundos, perfila-se o mito de Saturno, na perdida Idade do Ouro que voltará no fim dos tempos, do Milénio profetizado por João em Patmos e pelo abade Joaquim, que tanto ecoou em Portugal. E temos aí a emergência lusa e universal (tão lusa na sua universalidade, tão universal no seu lusitanismo) do fascinante Preste João das Índias, Rei do Mundo até a vinda do Paracleto, oculto algures na confluência dos mares, no palácio fabuloso do Graal guardado pelo Sol e pela Lua... (FREITAS, 2006, p. 90)

Dalila Pereira da Costa aponta para um sentido alquímico da presença sebástica no imaginário cultural português ao dizer que:

O Sebastianismo é sempre inseparável dos Descobrimentos: como segundo ato dum drama ou ritual nacional. Porque, após o descobrimento do caminho para as Índias, como aquelas que em si detinham o prestígio do centro, este posteriormente ter-se-ia deslocado e encarnado na Ilha do Encoberto. Ela será desde então, miticamente, como o umbigo do mundo, a realidade suprema e supremamente desejada. A que flutua nas águas primordiais — tal outro lótus sagrado de onde nasce Brama. Receptáculo de vida. Porque aqui, para a alma portuguesa, será acaso a realidade da ilha, a que em si detém todo o valor e função e prestígio do centro, tal como foi a rosa para o Ocidente e o lótus para o Oriente: será ela a flor secreta. A que no seu interior, no mais profundo das suas pétalas, concebe, encobre e protege o Salvador do mundo. Ela, a Rosa Mística (COSTA, 1978, 140-141).

292

O quarto e último mitologema, o da “Transmutação dos atos” – ou transmutação paraclética do mundo, como também lhe chama Durand –, refere-se ao milagre da transformação da água em vinho ou do pão dos pobres em rosas. No imaginário português, destaca-se a taumaturgia da Rainha Santa Isabel, mulher de D. Dinis. Ela que, à semelhança de Isabel da Hungria e de Rosa Viterbo – duas santas, ambas da Ordem Terceira de São Francisco –, transmuta, milagrosamente, pão em rosas e rosas em pão para os pobres. Para Gilbert Durand:

O cenário mítico estava, assim, pronto para que os Franciscanos pudessem integrar as taumaturgias da transmutação da rainha de Portugal, filha do rei de Aragão, Isabel, a “rainha Santa”, que nasceu em 1271 e morreu, simples Clarissa, em 1337: milagre do pão transformado em rosas, e também o milagre inverso, das rosas transformadas em pão para os pobres; e, ainda, o milagre quase crístico – tendo-lhe o seu confessor aconselhado a temperar a sua penitência bebendo um pouco de vinho – da água milagrosamente convertida em vinho. Mas acima de tudo interessa sublinhar que se trata da Rainha de Portugal e igualmente uma santa de grande devoção do país. Qual o sentido que podemos dar a esta insistência franciscana em fixar a taumaturgia das rosas e do vinho, e em atribuí-la à Rainha Santa, Rainha de Portugal? Penso que é necessário dar a estas transformações o sentido que o hagiógrafo dava à lenda de Isabel da Hungria e da Tarúncia: ver rosas em lugar do pão, ver o sangue

de Cristo em lugar do vinho, é ver “com os olhos da alma” – “*per interiores oculos*” (DURAND, 2008, p. 33).

É o mitologema inspirador de todas as descobertas, cujo objetivo era encontrar o reino do Preste João, influenciado, sobretudo, pela instauração em Portugal por D. Dinis e pela Rainha Santa do culto do Espírito Santo. No seu primeiro de três volumes acerca dos descobrimentos portugueses, Jaime Cortesão (1990), ao analisar as navegações para além de fatores geográficos, políticos e econômico-sociais sugere que os Descobrimientos participam de um longo processo espiritual que visa, tanto ao conhecimento científico do planeta quanto ao seu enquadramento no Universo, o que, de fato, se percebe no projeto dos Alcobacenses, na figura de Frei Bernardo de Brito, que se propunham à redação da História de Portugal desde a sua gênese: a criação do mundo.

Nos quatro mitologemas, Gilbert Durand destaca a paixão do além como traço marcante do imaginário português. Seja nos mitologemas do “Fundador vindo de fora” ou do “Salvador oculto” – este um eco daquele –, seja nos outros dois, o que há é uma fé em um além

absoluto, apontando, justamente, para a possibilidade do impossível. Assim, diz o antropólogo que:

[...] todos os sonhos com asas de caravelas levantam voo na alma portuguesa: apostolado franciscano e mais tarde jesuíta, sonho grandioso do joaquimismo, cavalgada de cavaleiros em perseguição dos mouros (primeiro no solo ibérico), depois os cavaleiros que se tornaram marinheiros, passando para lá de Gibraltar, de Cabo Verde e da Boa Esperança, dando ao mundo todos os inesgotáveis mundos de aventura e de sonho, oferecendo – “até ao fim do mundo” de terra e de pedra – a esperança dos mundos e o eterno convite à viagem (DURAND, 2008, p.34).

É a constante reelaboração dos mitos que os faz permanecerem no imaginário português, assumindo diferentes roupagens de acordo com condicionamentos histórico-político-culturais. A língua e a literatura, principalmente, revisitam certas figuras que, sendo históricas, transcendem a própria historicidade, retornando na literatura já como parte da própria identidade cultural portuguesa. A escrita mostra-se comprometida com um certo modo de ler os grandes símbolos nacionais; ou, mais precisamente, a forma portuguesa de ler o imaginário ibérico, num profundo trabalho sobre a linguagem.

Considerações finais

Não se pode descurar o fato que é pelo imaginário – esse museu de imagens – que se atinge não só a mente de um povo, mas também o seu coração, os medos e as esperanças. Trata-se, em suma, de um processo de definição da própria identidade nacional. No caso específico de Portugal, inscrever, no texto literário, figuras como Viriato, Afonso Henriques, D. Sebastião, Isabel de Aragão e Inês de Castro, só para citar alguns, é uma forma de escrever o *ser* português.

Assim, pela fecundação de figuras míticas, Portugal revê seu passado, faz o presente, projeta o futuro, procura escrever seu destino. Por exemplo, formulado pela primeira vez nas Trovas do sapateiro Gonçalo Anes, o Bandarra, em meados do século XVI, o mito de um rei Encoberto e salvador reapareceu durante o período filipino na sua forma sebástica. Após a Restauração, o padre António Vieira continuou a divulgação dos textos de Bandarra, ampliando a profecia à ideia de um Quinto Império português, em que se cruzavam temas históricos e bíblicos. Depois de D. João IV, o rei Encoberto foi sucessivamente identificado com D.

Afonso VI, D. Pedro II e D. João V, reaparecendo no contexto das invasões francesas e no miguelismo. O sebastianismo assumiu importância ímpar, expressando o desejo persistente de libertação da miséria e opressão cotidianas.

Assim, os principais mitos culturais de Portugal procuram justificar a aventura portuguesa, no âmbito de uma aventura maior, a humana, movida por uma missão universalista. Dessa maneira, tem-se o sebastianismo, o Quinto Império – tão preconizado pelo Padre António Vieira e por Fernando Pessoa, e a Idade do Espírito Santo, nas ideias Agostinho da Silva, que enfatizam o papel de Portugal como líder na construção de uma sociedade de nações messiânica e providencial.

Pode-se pensar Portugal como uma nação que se volta à sua História no sentido de buscar um sustento ontológico, capaz de suportar esse desconhecimento. Pela literatura reescreve-se a história, inventa-se a pátria. Assim, o povo busca no passado – talvez bastante distante – uma segurança, uma estabilidade simbólica. E esse passado português, visto pelos próprios portugueses, chega a ser mítico. Nesse contexto,

portanto, é que diversos autores aventuraram-se no espaço denso dos símbolos e dos mitos nacionais. Poetas, romancistas e dramaturgos que, pelas vias da memória, buscavam as mais profundas raízes dum lusitanismo intimista, que do passado fizeram emergir vultos heroicos, e pelo sentimento saudoso – ou, mesmo fatalista – quiseram fazer renascer a energia e a alma da nação. Vê-se, assim, que a produção literária portuguesa vai, a cada época e em diversos estilos literários, afirmando seus próprios mitos – ou, para dizer como Lima de Freitas, mais exatamente – a forma portuguesa de perceber, de interpretar os mitos.

Os mitos assumem, portanto, a função de garantir a segurança e a autoestima nacionais, recuando ao seu passado para nele visitar figuras proeminentes e fatos gloriosos que novamente se prestem à reprodução de uma memória nacional, contrastante com o estado de crise atual. Assim, o caráter explicativo ou simbólico do mito, relacionado com uma dada cultura, constitui-se na primeira tentativa de explicar a realidade, procurando interpretá-la sem a necessidade de pautar-se em argumentos racionais para suportar

essa interpretação. Os acontecimentos históricos, portanto, podem transformar-se em mitos, na medida

em que adquirem uma determinada carga simbólica para uma dada cultura.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERRBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1994.

CORTESÃO, Jaime. **Os Descobrimentos Portugueses** Volume I. Lisboa: INCM, 1990.

COSTA, Dalila Pereira. **A Nau e o Graal**. Porto: Lello & Irmão, 1978.

DURAND, Gilbert. **Portugal: Tesouro Oculto da Europa**. Tradução de Lima de Freitas et alli. Lisboa: Ésquilo, 2008.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, Vergílio. “Do impossível repouso”. In. **Vergílio Ferreira: cinquenta anos de vida literária**. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1995.

FREITAS, Lima de. **Porto do Graal**. Lisboa: Ésquilo, 2006.

LOUÇÃO, Paulo Alexandre. **A Alma Secreta de Portugal**. 4. ed. Lisboa: Ésquilo, 2007.

LOURENÇO, Eduardo. **Do Mundo da Imaginação à Imaginação do Mundo**. Lisboa: Fim de Século, 1999.

MARTINS, Oliveira. **História de Portugal**. 14. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1964.

297

O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.

Recebido em 23/09/2019

Aprovado em 19/11/2019